



QUANDO “PORQUE SIM” NÃO É RESPOSTA ...
(WHEN “PORQUE SIM” IS NOT AN ANSWER...)

Márcia Regina Curado Pereira MARIANO (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP)

ABSTRACT: *This search has the proposal of analysing oral occurrences of the answer “porque sim” in children/adult interactions. We will observe the cognitive and linguistic strategies subjacent to this construction, the effects from these movements in the discourse chaining and the role played by the adult in the dialogue.*

KEYWORDS: *language; cognition; interaction; explanation.*

1. Introdução

(Diálogo entre os personagens-crianças: Nino, Biba, Pedro e Zequinha, em meio a uma viagem espacial imaginária. A explicação final é dada pelo personagem-adulto Telekid):

Zequinha: Estamos no espaço!

Nino: Puxa! Como o céu é diferente aqui de cima!

Zequinha: Por quê?

Nino: Ah, porque nós estamos acostumados a ver o céu lá da Terra, mas aqui é diferente, oras...

Zequinha: Por quê?

Nino: Porque não tem nuvens não tem poluição...

Zequinha: Por quê?

Nino: Porque aqui de cima o céu fica mudando de cor.

Biba: É, se bem que da Terra a gente consegue ver o céu mudando de cor...

Zequinha: Por que o céu muda de cor?

Nino, Biba e Pedro: PORQUE SIM ZEQUINHA!

Telekid: Porque sim, não é resposta. Por que será que o céu muda de cor? Vamos ver?...Acho que encontrei...(início da explicação)

O exemplo introdutório acima, extraído de um episódio do programa infantil Castelo Rá-Tim-Bum da TV Cultura, ilustra usos correntes das formas *por quê?*/*porque* em interações verbais. A primeira diz respeito às perguntas e, a segunda, às respostas, nas quais nos aprofundaremos.

Castro (1996: 65), notou, entre 2;4 a 2;7 anos de idade, o surgimento de enunciados interrogativos com *por quê?*. Alguns destes usos, que se articulam com um turno imediatamente precedente, são interrogações que se organizam como “resposta” e tem, como primeiro objetivo, manter a interação ou o tópico do diálogo, funcionando



como um “operador de discurso”. Essa interrogação pode até aparecer quando uma explicação acaba de ser dada, como no caso acima, em que os outros personagens procuram responder às questões de Zequinha, mas este, acrescenta novos *por quês?*, emprestando-lhes a função de “fazer avançar”, tornando-os equivalentes a *e daí?*, *e depois?*, exigindo cada vez mais informações de seus interlocutores. Estas perguntas seriam utilizadas pela criança como “recurso de expansão” daquilo que ela mesma instaurou como tema (idem: 75).

O segundo *porque*, visualizado neste exemplo, é o de resposta, sendo que nos interessa no momento, mais precisamente, a resposta circular – *porque sim* – produzida por Nino, Biba e Pedro. Ao contrário do que diz Telekid: *Porque sim, não é resposta-*, acreditamos que “*porque sim*” é sim uma resposta, que envolve estratégias lingüísticas e cognitivas para a sua produção. A partir da identificação de ocorrências como esta em nossos sujeitos, procuraremos observar estes movimentos e compreender suas utilizações específicas em dois diálogos, entre crianças de 6 anos com seus pais, em ambiente familiar.

2. Fundamentação teórica

Os usos do *por quê?*/*porque* como pergunta e como resposta indicam, inicialmente, uma mudança nos papéis dos interlocutores e ilustram um só processo: uma informação, justificação ou explicação. A produção do *por quê?* interrogativo pela criança coloca-a no papel de um interlocutor que considera o outro capaz de dar-lhe determinada solução. Ao responder através do *porque*, a criança assume o papel que lhe é dado pelo adulto, e procura, dentro de suas possibilidades, corresponder às suas expectativas.

As ocorrências *porque sim* foram analisadas por Castro (1996: 94-95) ao lado das construções *porque não*, *porque é* e *porque + parte do enunciado do turno anterior* e classificadas pela autora como “respostas circulares”. Os outros dois tipos encontrados, e que poderão também ser vistos no material que analisaremos, são: as *não-resposta* – caracterizadas pelo silêncio ou pela mudança de tópico-, e todas as outras que não possuem características de circularidade ou de mudança de tópico.

As respostas circulares definem-se, basicamente, como uma (re)assunção de intenções. Este tipo de resposta - que surge muitas vezes após “perguntas impróprias ou inadequadas” do interlocutor-, constitui uma retomada do ato de enunciação, uma (re)afirmação ou reiteração da asserção, pedido ou recusa produzido pela criança anteriormente. (idem: 100)

Ao utilizar-se de uma resposta circular a criança pode criar uma ruptura no diálogo, cabendo ao adulto insistir no tema, através de mais perguntas, ou desistir, introduzindo um novo assunto. Este comportamento lingüístico do interlocutor remete-nos à noção de *zona de desenvolvimento proximal* de Vygotsky, que seria “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”(Vygotsky; 1999: 112)



Para o autor, “Não há um desenvolvimento puramente interno do sujeito. Existem, antes, três zonas: aquela em que a criança pode fazer alguma coisa sozinha; ao contrário, aquela em que a tarefa é de qualquer modo muito difícil para ela e, entre as duas, esta zona “pedagógica” em que o adulto pode ajudá-la...” (F.François; 1996: 136)

Esta concepção de *zona de desenvolvimento proximal* foi retomada por Bruner que elaborou, por sua vez, seu conceito de *tutela*, que se define como “os meios pelos quais um adulto ou um “especialista” ajuda alguém que é menos adulto ou especialista que ele” (1991: 261) a desempenhar uma atividade.

F. François (1996) retoma esta questão dando uma atenção especial à *tutela de linguagem* onde outros fatores – lingüísticos, discursivos - devem ser levados em conta junto aos elementos cognitivos, afetivos, contextuais e sociais apontados por Vygotsky e Bruner. Tendo por base estes autores e noções até agora citados, partimos para a análise das respostas *porque sim* encontradas em nosso *corpus*.

3. Metodologia e apresentação dos sujeitos

O material analisado consiste de duas gravações em áudio, realizadas em ambiente familiar no ano de 1998. O objetivo inicial da coleta, dirigido à outra pesquisa, era que as crianças “falassem” a partir de uma figura de posse do adulto. Esta ilustração mostrou-se adequada ao fim por aludir à histórias infantis conhecidas através da mistura de mundos, real e imaginário.

A escolha do *corpus* deu-se, basicamente, pela identificação de ocorrências da resposta *porque sim* nos dois sujeitos, trazendo-nos indagações sobre estes usos.

A primeira criança Carol (6;1 anos) interagiu com seu pai, enquanto a segunda criança foi constituída por Vítor (6;5 anos) e sua mãe. A opção por esta faixa etária permite-nos uma visão clara do processo de aquisição da linguagem por apresentar-nos sujeitos a caminho de uma dependência discursiva.

4. Análise e discussão dos dados

Nossa primeira análise – de Carol com seu pai – mostra-nos um diálogo cujo organizador principal é a modalidade questão-resposta e onde o interlocutor adulto é quem toma as iniciativas, colocando novos temas e abrindo possibilidades para outros tópicos. As perguntas dirigidas à criança surgem como um questionamento às suas respostas e parecem ter, como primeiro objetivo, fazê-la observar e refletir sobre a gravura, criando condições para reformulações. No início do interação o pai opta por conduzir a criança a “falar do desenho”, favorecendo a descrição:

Pai: *que mais aqui vamos ver o que mais que a gente viu aqui então*

Carol: ***um livro jogado no chão***

um livro jogado no chão...mas esse livro tem bumbum?

((silêncio))

que que é esse negócio amarelo aí?



é um patinho embaixo do livro
mas como cê sabe que é um patinho se não dá pra cê ver na/...não dá prá ver a
cabeça dele
aquí eu conheci pelo RABO oras bolas
pelo rabo...não pode ser um pintinho?
uhn...talvez
talvez...que cê acha... que é um pintinho ou um patinho?
acho que é um...patinho
por quê? é por que tem um pato grande aqui?
((silêncio))
ih mais:::...será que esse livro aqui é a asa do patinho já que o pato grande
tem asa de livro?
...não é ((baixinho))
não? então acho que é um pintinho
((silêncio))
que que cê acha?
tô confusa agora ((sorri))
ficô confusa por que?((sorri))
porque sim

As questões do pai configuram-se, no decorrer da conversa, problematizadoras e complexas, por vezes até inadequadas, fugindo ao conhecimento de mundo da criança e às informações dadas pela ilustração. Esta conduta escolhida pelo adulto favorece as *não-resposta* - notadas nos “silêncios”-; as respostas mínimas- *talvez; não é-*; e as respostas circulares – *porque sim*.

Estas formas de responder podem indicar - dentro das noções teóricas adotadas por nós até agora - que o adulto está posicionado numa *zona de desenvolvimento* diferente da que se encontra a criança, e que esta tarefa é realmente impossível de ser realizada por ela. Podemos ainda supor que as perguntas do pai possam estar transformando uma possível relação de *tutela* em *contra-tutela* – a contraparte da relação de *tutela* que ocorre quando o adulto repete o que criança já sabe ou tenta ensinar-lhe o que ainda não pode integrar (F. François; 1996: 136). Os enunciados *oras bolas* e *tô confusa agora* seriam também indícios desta relação.

Na continuação do diálogo notamos que o pai tenta estabelecer uma ponte entre o mundo da ficção e o mundo real, entre as lendas e a própria gravura. Ele opta, a partir de então, por levar a criança a falar também “a partir do desenho”:

ah...vamos ver que mais que a gente tem aqui...que mais que cê tá vendo de
interessante aqui?
A lua...a lua é cheia
é lua cheia né...ishi...será que é por isso que tem um lobo aqui? Será que isso...
é um menino
mais...ou::: é um lobisomem...num tem lobisomem quando tem lua cheia?
... só nim lenda



só em lenda? e::: isso aqui que que é isso aqui é uma lenda ou é uma brincadeira?

((*silêncio*))

que cê/ acha que por que que o menino se fantasi/

é:::um desenho

por que que o menino se fantasiou de lobo?

prá assustar

prá assustar quem? o pato com:::com asas de livro?

ishi... agora tá confuso

por que que tá confuso?

porque sim...prá assustar as pessoas

ah:::então o menino se fantasiou de lobo prá assustar as pessoas...então tá bom ...

Diante dos *por quês?* interrogativos de seu interlocutor, a criança retoma, neste segundo uso do *porque sim*, não apenas um, mas sim, dois enunciados próprios antecedentes, convencendo-o de que a resposta à sua questão já havia sido dada.

Nossa segunda análise é da conversa entre Vítor e sua mãe. Semelhante à interação anterior, as iniciativas são tomadas pelo adulto, que optou por conduzir a criança a “falar do desenho”. O modo questão-resposta mostra-se também o organizador dominante do diálogo e dá ao texto a forma de interrogatório, favorecendo as respostas mínimas. Podemos observar, entretanto, que esta segunda criança utiliza a construção *porque sim* de uma forma diversa da produzida por Carol. Aqui a resposta aparece também como uma (re)assunção de intenções, mas não como retomada de um enunciado precedente, não possuindo, portanto, características explícitas de circularidade discursiva. Vítor se manifesta desta maneira para (re)afirmar que não sabe a resposta ou que não quer participar deste diálogo:

Mãe: ô Vi que que cê/ acha desse lobo aqui?

Vítor: ...**é um pessoa fantasia::da**
uma pessoa fantasiada?

uhn uhn ((balança a cabeça positivamente))

mais você acha que é um adulto ou é uma criança?

uhn...uma crian::ça

por quê?

uhn...porque sim

não porque sim...por que que cê acha que é criança? que que ele tem aqui que te mostra que é uma criança?

uhn...(provavelmente apontou o desenho)

aqui::: mais cê tem que falar...que que tem aqui?

uma...uma metade de uma crian::ça

e a roupinha é roupinha de criança?

é



e o cogumelo onde...o cogumelo vive onde? ele vive aqui? isso aqui é uma floresta?

é:::

é uma floresta? por que que é uma floresta?

porque sim

porque sim...e por que que esse...se isso daqui você acha que ele tá lendo é um livro...

uhn...

Considerações finais

A primeira análise realizada – de Carol e seu pai – nos permitiu constatar, dentre outras coisas, que através da resposta *porque sim* a criança pode não só (re)afirmar o que havia dito anteriormente, como também, condensar, num único enunciado, diferentes turnos dialógicos. Neste caso, *porque sim* é sim uma resposta, que aponta para uma reflexão da criança sobre seu próprio discurso e sobre suas intenções, o que indica um processo lingüístico e também cognitivo, não constituindo uma redundância ou argumento tautológico. (Castro; 1996: 106)

Já na conversa entre Vítor e sua mãe, a construção *porque sim* não compõe uma retomada discursiva, mas sim uma (re)afirmação de que a criança não sabe a resposta ou não quer participar deste “jogo lingüístico”, não podendo ser classificada como uma resposta circular, embora possua intenções contextuais particulares.

Pudemos observar que o adulto pode tanto aceitar a resposta circular da criança, quanto problematizá-la, arriscando-se a criar oportunidades de reflexão e de reformulação ou, ainda, a induzir uma *contra-tutela*, exigindo demais cognitivamente e lingüisticamente de seu pequeno interlocutor.

F. François (1985: 104), ao cuidar das definições produzidas por crianças pré-escolares, coloca que não existe a “boa definição”, mas sim, diferentes formas de se definir. Sendo a definição um tipo de explicação e, esta última, caracterizada na linguagem cotidiana, dentre outros modos, pelo uso do conector *porque*, podemos imaginar que as respostas circulares são, na realidade, apenas mais uma maneira de se responder, de explicar, nem melhor nem pior do que as outras, apenas diferente.

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar ocorrências orais da resposta *porque sim*, produzidas por crianças em situação de interação com adultos em contexto familiar. Observaremos as estratégias lingüísticas e cognitivas subjacentes a esta construção, bem como os efeitos destes movimentos no encadeamento dos discursos e o papel do adulto no diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; cognição; interação; explicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNER, J.S. (1991) *Le développement de l'enfant- savoir faire, savoir dire*. Paris:



P.U.F.

CASTRO, M.F.P. de (1996) *Aprendendo a argumentar* – Um momento na construção da linguagem. São Paulo: Ed. da UNICAMP.

FRANÇOIS, F. (1996) *Práticas do Oral* - Diálogo, jogo e variações do sentido. Trad. de Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Pró-Fono.

_____(1985) “Qu’est-ce qu’un ange? ou Définition et paraphrase chez l’enfant”. Fuchs,

C. (1985) (org.) *Aspects de l’ambigüité et de la paraphrase dans les langues naturelles*. Berne: Peter Lang. 103-121.

VYGOTSKY, L.S. (1999) *A formação social da mente*. Cole, M. et alii (orgs.). São Paulo: Martins Fontes.